

BIBLIOGRAFIA

CRÍTICA

Novos rumos das ciências sociais na América Latina

GUERREIRO RAMOS

É uma verdade bastante proclamada a de que o desenvolvimento das ciências está condicionado pela emergência dos problemas. Na formação das ciências, observa-se a vigência do famoso princípio da "réplica" e da "exigência" de que se serve Arnaldo Toynbee (*A STUDY OF HISTORY*) para explicar o processo evolutivo das civilizações. Quero dizer: os conceitos científicos, o homem os elabora para conjurar situações problemáticas. Se o mundo não oferecesse problemas ao homem, não teria ele estímulos para pensar cientificamente. A este propósito, já se observou que a necessidade de construir catedrais, na Europa, foi em parte, um fator ponderável do desenvolvimento da mecânica, como o desenvolvimento da geometria, no Egito, foi, por outro lado, condicionado pela necessidade de uma utilização racional das margens do Nilo.

Com referência às ciências sociais, também se confirma o princípio. Elas aparecem numa fase da civilização ocidental em que o homem desespera de governo sobrenatural da sociedade. São índices da laicização profunda da consciência do homem europeu. Elas são verdadeiros instrumentos de "salvação secular", como diria Becker.

A complexidade da etapa histórica em que vivemos exige a intervenção crescente das ciências sociais no governo da sociedade. Este governo é cada vez menos dependente, apenas, de qualidades de homens extraordinários, de homens privilegiados (caudilhos) e se torna, de modo crescente, função das técnicas sociais, ou seja, da boa aplicação das ciências sociais.

Quanto mais agudos os problemas sociais e quanto mais complexas as estruturas sociais, mais a necessidade de aplicar as referidas ciências se torna evidente. Por esta razão, o título das ciências sociais está definitivamente firmado nos países europeus e na América do Norte.

Nos países latino-americanos, embora o *status* das ciências sociais ainda esteja assinalado por certa marginalidade, já se observa que nos grupos dominantes está amadurecendo a consciência da necessidade da aplicação sistemática destas disciplinas no tratamento dos problemas.

A ocasião é favorável, portanto, àquelas que se dedicam ao estudo destas ciências. Afigura-se-nos que o melhor meio de aproveitar esta oportunidade é a elaboração de trabalhos rigorosamente técnicos sobre problemas atuais. Para atingir este objetivo, deveriam colaborar, de um lado, as instituições que dispõem de recursos destinados à promoção do progresso científico e, de outro lado, os especialistas. Estes últimos, entretanto, de maneira organizada, pois um dos obstáculos mais ponderáveis para o desenvolvimento de qualquer ciência é o individualismo profissional. Não pode haver progresso científico, seja em que campo for, sem institutos de pesquisas, sem o debate objetivo e bem intencionado, sem o intercâmbio cultural. Onde não existem estas condições, o trabalho científico se torna difícil e raramente são aproveitadas cabalmente as energias dos que a ele se dedicam. Mais freqüentemente, estas energias se perdem na elaboração de estudos perfunctórios ou na reelaboração de temas já versados em centros intelectuais estrangeiros, mais evoluídos.

Neste momento, entretanto, podem ser registrados indícios de um novo rumo para as ciências sociais na América Latina. As instituições, privadas e públicas, de amparo às atividades científicas de especialistas em ciências sociais, se multiplicam na América Latina, movimento este que se está complementando por empreendimentos editoriais de grande vulto.

Dois fatos representativos deste progresso vêm de ocorrer: o aparecimento, no Brasil, da *REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA* e, no

México, da revista *THE SOCIAL SCIENCES IN MÉXICO*, destinada a ter circulação universal.

*
* *

A esta seção é muito grato registrar o aparecimento da *REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA*. Trata-se de uma iniciativa da Fundação Getúlio Vargas, sendo, conseqüentemente, resultado do realismo prático do Sr. Luís Simões Lopes, um dos raros homens públicos brasileiros que tem compreendido que os problemas nacionais são mais administrativos do que políticos, motivo por que tem guardado sempre uma atitude de prudente afastamento da arena onde se chocam as facções.

Por outro lado, não cabe dúvida de que o êxito desta iniciativa esteja garantido, uma vez que obedece à orientação técnica de especialistas de comprovado valor, tais como Arízio de Viana e os ilustres membros do Núcleo de Economia da Fundação Getúlio Vargas: Drs. Eugênio Gudín, Jorge Kafuri, Jorge Kingston e Otávio Gouveia de Bulhões.

Este primeiro número da *REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA* publica artigos de autoria de Otávio Gouveia de Bulhões e Jorge Kingston (*A POLÍTICA MONETÁRIA PARA 1947*), de Jorge Kafuri (*TAXA CAMBIAL*), de Giorgio Mortara (*A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DO BRASIL, SEGUNDO RAMOS DE ATIVIDADE*), excelentes resenhas bibliográficas, assinadas por Richard Lewinsohn e Arízio de Viana, além de uma nota necrológica sobre Karl Mannheim.

Sirva-nos, entretanto, o ensejo para mencionar uma esfera de problemas importantes cujo estudo a Fundação Getúlio Vargas poderia estimular, com proveito para o país. Refiro-me aos estudos sociológicos. A não ser em São Paulo, em que a Escola Livre de Sociologia e Política vem dando ao seu currículo um cunho prático, tendo patrocinado pesquisas importantes, dentre as quais, uma sobre habitação, dirigida por Donald Pierson e outra sobre padrão de vida, dirigida por Horace B. Davis e, ainda, o recente trabalho de Emilio Willems, "*ACULTURAÇÃO DOS ALEMÃES NO BRASIL*" e na Universidade de São Paulo, onde atuam os professores Fernando de Azevedo e Emilio Willems, nos outros pontos do país, não há ambiente para a pesquisa sociológica. Na

capital do Brasil, os raros especialistas em assuntos sociológicos estão trabalhando em condições muito precárias, quase estritamente às custas de sobras de tempo, pois, ao que estou informado, todos eles se dedicam a ocupações nas quais são, mais ou menos, uns desajustados.

O campo da pesquisa sociológica está quase inexplorado no Brasil. Para falar, apenas, de questões mais dentro do interesse da Fundação Getúlio Vargas, destacamos, entre outros, o problema da integração da administração pública na estrutura social do Brasil, de que são ilustrativos trabalhos como os de W. R. Sharp (*THE FRENCH CIVIL SERVICE: BUREAUCRACY IN TRANSITION*) de C. J. Friedrich e Taylor Cole, "*RESPONSIBLE BUREAUCRACY*", referente à Suíça, de Donald Kingsley — "*REPRESENTATIVE BUREAUCRACY*", referente à Inglaterra — de Lúcio Mendieta y Nunes, "*LA ADMINISTRACIÓN PUBLICA EN MEXICO*"; o problema das relações da Administração Local com as estruturas das comunidades rurais, assunto sobre o qual existe farta literatura sociológica nos Estados Unidos e cada vez mais na ordem do dia; os assuntos demoscociográficos (tais como: o condicionamento social da mortalidade e da morbidade, do regime e da fraca produtividade do trabalho); seleção e aculturação de imigrantes; condições sociais e econômicas do trabalhador urbano e do rural; habitação; relações humanas na indústria (absenteísmo, fadiga, rendimento do trabalho, organização social da empresa, etc), matéria magnificamente debatida por Elton Mayo, (*THE HUMAN PROBLEMS OF AN INDUSTRIAL CIVILIZATION, — THE SOCIAL PROBLEMS OF AN INDUSTRIAL CIVILIZATION*) e Roethlisberger — Dickson (*MANAGEMENT AND THE WORKER*); planejamento regional (recuperação da Amazonia, dos Vales do Rio Branco, Paraíba, Tocantins e Araguaia, Rio Doce, das áreas nordestinas, da região franciscana, do Brasil Central), todas estas questões cujo tratamento demanda a intervenção do especialista em sociologia.

*
* *

No México, o título da sociologia está definitivamente firmado. De outro modo não se poderia justificar o aparecimento, ali, de uma revista com os propósitos de "*The Social Sciences in México*